

BASES CONCEITUAIS DA ESCOLA INGLESA DE MORFOLOGIA URBANA

CONCEPTUAL BASES OF ENGLISH URBAN MORPHOLOGY

Maria Manoela Gimmler Netto*

Staël de Alvarenga Pereira Costa**

Thiago Barbosa Lima***

RESUMO

Este artigo apresenta, interpreta e aplica os fundamentos conceituais estabelecidos pela Escola Inglesa de Morfologia Urbana. A Escola Inglesa tem sua origem nos estudos realizados por MRG Conzen nas cidades de Alnwick e New Castle upon Tyne, no norte da Inglaterra, entre 1950 e 1960. Conzen, geógrafo alemão que imigrou para a Inglaterra na Segunda Guerra Mundial, formou-se na Escola de Geografia de Berlim, cujas bases conceituais foram estruturadas sobre a paisagem e seus resultados visíveis. Nessa abordagem, a investigação das transformações e das permanências é utilizada para demonstrar a ênfase fundamental na paisagem urbana e no tempo. O método de investigação da forma se dá pela utilização da visão tripartite, que consiste no estudo do plano urbano, do tecido urbano e no padrão de uso e ocupação. Estas estruturas são analisadas em função dos intervalos de tempo que definem os períodos morfológicos. Como resultado destas análises, tem-se o processo de evolução da paisagem urbana. Assim, é possível entender as tendências naturais de transformação e garantir a continuidade de aspectos importantes das paisagens urbanas. O objetivo deste estudo é equipar as análises das paisagens urbanas contemporâneas.

Palavras-chave: Morfologia urbana. Escola Inglesa. Bases conceituais. Paisagens urbanas. Transformações e permanências.

* Arquitecta e Urbanista pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Mestranda no curso de Pós-Graduação em Ambiente Construído e Patrimônio Sustentável da Escola de Arquitetura da UFMG (EA-UFMG). Pesquisadora do Laboratório da Paisagem da EA-UFMG. Rua Paraíba, 697, sala 404c, Funcionários, 30130-14, Belo Horizonte, MG, Brasil.
manoelanelto@yahoo.com.br

** Arquitecta e Urbanista pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Master of Arts em Design Urbano pela Oxford Brookes University. Doutora em Estruturas Ambientais Urbanas pela Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo (FAUUSP). Professora do Departamento de Urbanismo da Escola de Arquitetura da UFMG (EA-UFMG). Coordenadora do Laboratório da Paisagem da EA-UFMG. Rua Paraíba, 697, sala 404c, Funcionários, 30130-14, Belo Horizonte, MG, Brasil.
staelalvarenga@gmail.com

*** Graduando em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Bolsista de Iniciação Científica do Laboratório da Paisagem da Escola de Arquitetura da Universidade Federal de Minas Gerais (EA-UFMG). Rua Paraíba, 697, sala 404c, Funcionários, 30130-14, Belo Horizonte, MG, Brasil.
thjago@hotmail.com

ABSTRACT

This article presents, interprets and applies the conceptual foundations established by the English School of Urban Morphology. The English School has its origins in studies conducted by MRG Conzen in towns of Alnwick and New Castle upon Tyne, northern England, between 1950 and 1960. Conzen a German geographer who immigrated to England in World War II, graduated from the School of Geography Berlin, whose conceptual bases were structured on the landscape and its visible results. In this approach, the investigation of the changes and continuities is used to demonstrate the fundamental emphasis on the urban landscape and time. The research method of the form is given by the use of vision tripartite, consisting of the study of urban planning, urban fabric and pattern of use and occupancy. These structures are analyzed as a function of the time intervals that define the morphological periods. As a result of these analyzes, it has been the process of evolution of the urban landscape. Thus, it is possible to understand the natural tendencies of transformation and ensure continuity of important aspects of urban landscapes. The aim of this study is to equip the analysis of contemporary urban landscapes.

Keywords: Urban morphology. English School. Conceptual bases. Urban landscapes. Transformation and permanence.

1 INTRODUÇÃO

O propósito da morfologia urbana é estabelecer uma teoria sobre a construção das cidades por meio de uma abordagem interdisciplinar que compreende conceitos de geografia, história, ciências sociais, arquitetura e urbanismo. As paisagens urbanas são resultados da ocupação humana sobre o suporte ambiental. Assim, as formas geradas pelo processo de ocupação e urbanização são evidências materializadas e objetos de análise da morfologia urbana.

Os primeiros investigadores interessados no estudo da forma urbana foram o geógrafo alemão M.R.G. Conzen (1907-2000) e o arquiteto italiano Saverio Muratori (1910-1973), que desenvolveram métodos individuais e empíricos, em diferentes locais, em um mesmo período de tempo, em meados do século XX. Estes métodos são considerados os estudos clássicos da morfologia urbana e correspondem, respectivamente, às abordagens das Escolas Inglesa e Italiana.

Pesquisas sobre os estudos clássicos da morfologia urbana são realizadas pelo Laboratório da Paisagem da Escola de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Minas Gerais (EA-UFMG), coordenado pela professora Staël de Alvarenga Pereira Costa. A pesquisa "Encontro de Mentas", amparada pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais (FAPEMIG), tem como objetivo investigar conceitos comuns e abordagens diferenciadas das Escolas de Morfologia Urbana. E a pesquisa "Sincronicidade nas Escolas de Morfologia Urbana e os seus Paradigmas Sociais", apoiada pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), objetiva investigar o desenvolvimento de pesquisas semelhantes na Inglaterra, Itália e no Brasil, configurando a sincronicidade de temas e abordagens independentes e isoladas em diferentes áreas do conhecimento.

O presente artigo, parte integrante destas pesquisas, apresenta, interpreta e aplica as bases conceituais desenvolvidas pela Escola Inglesa de Morfologia Urbana, sintetizando seu método. Como parte fundamental das pesquisas realizadas pelo

Laboratório da Paisagem da EA-UFMG, evidenciou-se a necessidade de verificação da aplicabilidade de tal teoria à realidade das cidades brasileiras do século XXI. Desta forma, será apresentado um estudo de caso em determinada área da região da Savassi, em Belo Horizonte.

Conzen (2004) desenvolveu seu método empírico a partir das investigações sobre as cidades de Alnwick e New Castle upon Tyne, no norte da Inglaterra, entre 1950 e 1960, depois de imigrar para o país durante a Segunda Guerra Mundial. De origem alemã, formou-se geógrafo na Escola de Geografia de Berlim, cujas bases conceituais foram estruturadas em estudos sobre as paisagens urbanas e seus resultados visíveis. A abordagem inglesa focaliza a evolução urbana, utilizando como parâmetro as transformações e as permanências.

2 VISÃO TRIPARTITE DA PAISAGEM URBANA

A visão Tripartite é o método utilizado pela Escola Inglesa para análise sistemática da paisagem urbana. São definidos três complexos formais: o plano urbano, o tecido urbano e o padrão de uso e ocupação, tanto do solo quanto da edificação. Esta divisão configura a base da investigação morfológica e pode ser observada em campo. No entanto, é a combinação entre as três categorias que define a paisagem urbana como um todo, no qual o plano urbano é a estrutura morfológica que contém o tecido urbano e o padrão de ocupação e de uso do solo.

O plano urbano representa a lógica de ocupação do território, é a forma de organização do espaço em relação à topografia e às características naturais do sítio. São os valores e iniciativas humanas que determinam as formas refletidas no sistema viário e no parcelamento do solo em glebas ou quarteirões.

Agrupamentos de quarteirões com características semelhantes formam manchas que configuram os diferentes tecidos urbanos. As características semelhantes são identificadas em relação à forma e às dimensões dos lotes e maneiras de implantação das edificações nos mesmos. Os tipos edilícios semelhantes são traduzidos pelas características do estilo arquitetônico e dos materiais de revestimento e constituem em produtos da sociedade materializados através do tempo.

O tecido urbano, portanto, reflete o padrão de uso e ocupação tanto do solo quanto da edificação. O uso determina a forma da edificação e suas dimensões. E, assim, as edificações produzem indícios materiais que permitem definir a época em que foram construídas por estarem imbuídas pelos aspectos culturais de sua sociedade.

3 PERÍODOS MORFOLÓGICOS

O método utilizado pela Escola Inglesa de Morfologia Urbana é a organização temporal em períodos morfológicos. Estes são elaborados pela síntese dos períodos históricos com os períodos evolutivos. Conzen (2004) ressalta a necessidade da distinção entre os conceitos de períodos históricos e de períodos evolutivos.

Os períodos históricos são demarcados por fatos nos quais é possível a delimitação de datas, como reinados, impérios, períodos republicanos. Já nos períodos evolutivos, a definição de datas deve ser convencionalizada de acordo com a documentação, fotos, mapas ou qualquer indício físico que sirva de base para as investigações. Os períodos evolutivos baseiam-se nas inovações introduzidas na paisagem urbana e que traduzem características econômicas, sociais, políticas e culturais de ascensão e declínio de determinadas formas.

Assim, torna-se necessário ajustar a delimitação de datas de um período morfológico, convencionalizando seu início e fim. Cada período morfológico representa a síntese entre os fatos históricos e as inovações materializadas na paisagem urbana, determinando características formais.

4 MORFOLOGIA URBANA

O resultado da aplicação do método da visão tripartite em cada período morfológico conduz à compreensão da evolução da paisagem urbana. A Morfologia Urbana, utilizada como instrumental, analisa o processo de transformação da forma urbana ao longo do tempo.

Considerando que a transformação é o processo natural de evolução das paisagens urbanas, é a sua permanência que deve ser pensada, analisada e eleita, de maneira a preservar seu valor cultural e ambiental. Conforme Del Rio (1990), a aplicação da Morfologia Urbana no campo da arquitetura e do urbanismo, na área da preservação histórica, surgiu a partir de um questionamento das atitudes modernistas em relação às cidades históricas e às relações sociais que as regem, submetidas à contínua evolução e adaptação.

Partindo da compreensão da cidade como a composição de diversas camadas históricas, originadas pelo resultado da sucessão dos períodos morfológicos, surge a ideia da paisagem urbana como um palimpsesto. Este termo remete à prática da reutilização do pergaminho devido à sua escassez durante a Idade Média. Apagava-se o texto através de lavagem ou raspagem. Assim, a reutilização do pergaminho conduziu à perda de inúmeros textos antigos.

Da mesma maneira, os registros materiais são desigualmente distribuídos sobre o ambiente construído, e, segundo Conzen (2004), demonstram necessitar de análise morfológica cuidadosa. A ideia da paisagem urbana como um palimpsesto está mais relacionada com o processo de transformação, no qual os vestígios de períodos anteriores podem ser reconhecidos – ou não, assim significando a perda de suas informações.

O processo de transformação das paisagens urbanas apresenta uma hierarquia de modificação das estruturas formais representada pela visão tripartite. As alterações se iniciam pelo uso tanto da edificação quanto do uso do solo. Em seguida, são geradas alterações na forma do tipo edifício, de sua fachada e de sua implantação no lote, transformando as quadras e o tecido urbano. Devido à escala e à interferência social, os elementos do plano urbano, expressos no sistema viário, apresentam tendência maior

de permanência no tempo. Rossi (2001, p. 52) apresenta o conceito de permanência no tempo das estruturas urbanas:

A permanência mais significativa é dada, pois, pelas ruas e pelo plano urbano; o plano permanece sob níveis diversos, diferencia-se nas atribuições, muitas vezes se deforma, mas, substancialmente, não se desloca.

A permanência de determinadas características é importante do ponto de vista cultural, identificando o que torna única cada paisagem urbana. Para garantir a continuidade destas características, é importante introduzir o conceito de historicidade, entendido aqui como a manifestação material, no presente, da evolução histórica da paisagem urbana.

A historicidade é um atributo da paisagem que, de acordo com Conzen (2004), varia em intensidade entre diferentes paisagens urbanas, dependendo da quantidade dos períodos morfológicos envolvidos, da força morfológica de determinado período, do arranjo espacial, da integração entre as categorias formais e do efeito particular de estruturas dominantes, como igrejas, fortificações, monumentos, indústrias, prédios públicos administrativos ou culturais, ou seja, edificações com funções especiais. Espacialmente, a historicidade manifesta-se de forma mais intensa nos centros históricos das cidades, pois estes têm uma história mais longa, com maior número de períodos morfológicos envolvidos.

5 APLICAÇÃO TEÓRICA

Como parte fundamental das pesquisas sobre os estudos clássicos da Morfologia Urbana realizadas pelo Laboratório da Paisagem da UFMG, identificou-se a necessidade de aplicação das teorias estudadas à realidade das cidades brasileiras do início do século XXI. A aplicação teórica foi realizada em um estudo de caso determinado por um recorte na área da Savassi, em Belo Horizonte. A escolha desta região deveu-se à sua importância como centralidade da capital mineira, além de constituir exemplo significativo da dinâmica das transformações da paisagem urbana contemporânea.

Anteriormente ao projeto da nova capital do Estado, a cidade de Belo Horizonte era um arraial do período colonial brasileiro, como tantos outros em Minas Gerais, denominado Arraial do Curral Del Rei. Seu plano urbano, expresso no sistema viário e no parcelamento do solo, resultava da adaptação humana ao sítio topográfico e às condições ambientais.

O Curral Del Rei teve sua história marcada pela localização geográfica, assim como outros arraiais coloniais. Estes, geralmente, eram dispostos na confluência das trilhas abertas para atender as necessidades comerciais de produtos agrícolas e transporte de gado para o abastecimento das zonas mineradoras durante o século XVII. Entre os séculos XVIII e XIX, o arraial permaneceu sem significativas transformações, reflexo da condição de estagnação de sua principal atividade econômica de entreposto de gado e muars. Entretanto, no século XX, inicia-se intenso processo de transformação,

gerado pela transferência da capital de Minas Gerais para esta região, em função da qualidade do seu sítio natural e da sua inserção no mosaico físico e urbano do Estado. (BARRETO, 1996).

A figura 1, de 1895, representa o território sobre o qual o projeto urbanístico de Aarão Reis foi implantado, onde se pode observar a base topográfica, o arraial existente e a delimitação da avenida 17 de Dezembro (atual avenida do Contorno). A figura 2 apresenta a sobreposição dos planos urbanos: o projeto da capital em traçado vermelho e o arraial existente em preto. Observa-se a inexistência do estabelecimento de relações entre os distintos planos urbanos.



Figura 1 Ilustração baseada na base cartográfica de 1895, indicando, de forma destacada, a implantação do anel de contorno do projeto urbano (em vermelho) no arraial Curral del Rei (em verde).

Interpretação e modificação: Gimmler Netto et al., 11° ENEPEA – 2012.

Fonte: Fundação João Pinheiro (1997).

6 A VISÃO TRIPARTITE EM BELO HORIZONTE

A inauguração da nova capital mineira aconteceu em 12 de dezembro de 1897, estabelecendo uma superfície definida para a cidade, que foi subdividida em três grandes zonas: a rural, onde se instalaram as colônias agrícolas que abasteceriam a cidade;

a suburbana, para futuras expansões; a urbana, destinada à ocupação imediata. A população prevista era de 200 mil habitantes. (BARRETO, 1996).

O projeto urbanístico implantado em Belo Horizonte é considerado positivista, visando à edificação, normatização e organização da cidade. Seu traçado ortogonal rígido não levou em consideração nem a configuração do arraial existente, demolindo edificações e vias, nem as características naturais do território de implantação, principalmente em relação à topografia e à hidrografia. (PEREIRA COSTA, 1999).



Figura 2 Sobreposição dos planos urbanos do Curral del Rei (em preto) e do projeto urbanístico de Araújo Reis (em vermelho).

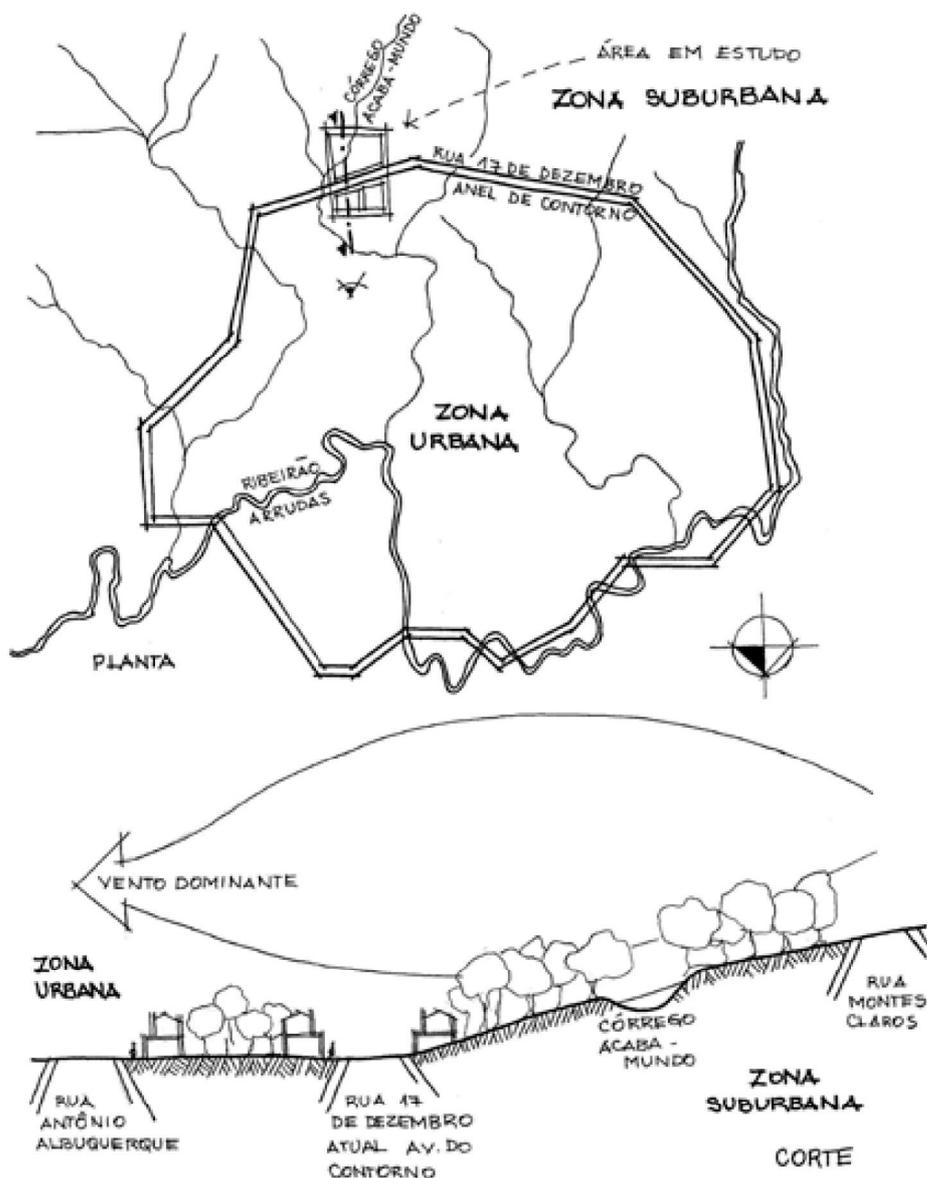
Interpretação e modificação: Gimmler Netto et al., 11°ENEPEA – 2012.

Fonte: Fundação João Pinheiro (1997).

O plano urbano desenhado por Araújo Reis resulta da ideologia de dominação da natureza pela ciência e pela técnica, refletindo em seu sistema viário a malha ortogonal, cruzada por eixos diagonais, conformando quarteirões e lotes, com praças, avenidas e ruas utilizadas para a rápida circulação dos habitantes, boa ventilação e higiene, conforme ideais sanitaristas.

A malha ortogonal, inalterada na contemporaneidade, é composta de quarteirões com 120 metros de cada lado, compostos de dez lotes com testada mínima de 12 metros.

Os quarteirões são contidos em ruas com 12 metros de largura, intercaladas de 3.600 em 3.600 metros por avenidas diagonais. O parcelamento dos lotes apresentava duas formas básicas: a primeira eram os lotes de esquina, com testada maior e profundidade menor; a segunda, com lotes no interior das quadras. Estes podiam ser de dois tipos: um com 24 metros de frente por 60 metros de profundidade, e o outro resultando da divisão em dois desses grandes lotes, formando lotes menores, com 12 metros de frente e 30 metros de profundidade. (COSTA, 1999).



PAISAGEM URBANA EM FORMAÇÃO BELO HORIZONTE NO INÍCIO DO SÉCULO XX.

Figura 3 Croqui sem escala.
Fonte: Gimmler Netto – 2013.

Com relação à implantação do projeto urbano de traçado ortogonal ao sítio natural, nesta região não foram empreendidas grande obras de terraplenagem, devido

à pouca declividade, contrariamente ao restante da cidade, de topografia irregular. Em contrapartida, os cursos d'água foram retificados e canalizados nos eixos das vias, tornando-se imperceptíveis na paisagem urbana.

Ao analisar a transformação do plano urbano, observa-se que este exemplo é significativo, pois se trata de um caso de substituição das formas. Como resultado da implantação do projeto urbanístico, ocorre o apagamento do plano urbano original do arraial colonial.

Para a análise das demais categorias sistemáticas da forma (o tecido urbano e o padrão de uso e ocupação) foi escolhida uma área localizada no plano urbano projetado por Aarão Reis, inserida em duas zonas diferenciadas. Uma dentro da poligonal da avenida do Contorno – e, portanto, classificada como zona urbana – e a outra na zona suburbana, destinada à expansão urbana. A área de estudo localiza-se no Bairro dos Funcionários, que se destinou a receber os funcionários públicos vindos da antiga capital, Ouro Preto. Portanto, as casas dos funcionários estaduais configuram o padrão tipológico implementado pelo planejamento urbano da capital. O sítio natural da área em estudo apresenta relevo de encosta, configurando um vale, com pouca declividade.

7 OS PERÍODOS MORFOLÓGICOS EM BELO HORIZONTE

A Escola Inglesa propõe a esquematização do tempo em períodos morfológicos, que são analisados segundo suas principais transformações e permanências em relação aos elementos que configuram a paisagem urbana e que são representados cartograficamente. As datas ajustadas para os períodos morfológicos são referentes à base cartográfica ou documental analisada. Neste estudo, os seguintes períodos morfológicos foram definidos:

7.1 O PRIMEIRO PERÍODO MORFOLÓGICO: 1897 A 1921

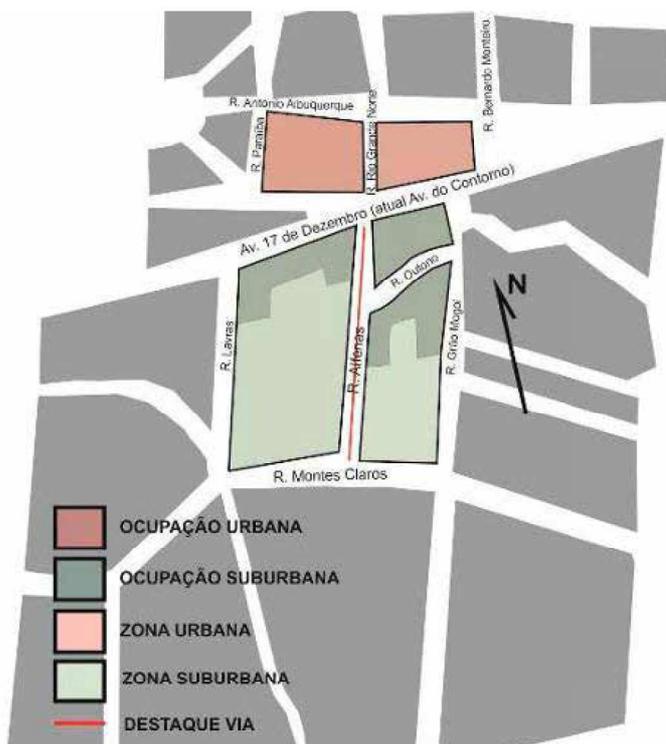
Este período inaugurou a implantação da capital (figura 4). Os quarteirões da zona urbana (em rosa) eram destinados ao uso residencial e seguiam o traçado do plano urbanístico, dentro do perímetro do anel do contorno. Onde foi possível a configuração dos lotes, o plano privilegiou o lote padrão retangular, com testada em torno de 12 metros e fundos prolongados (geralmente, 30 metros). Em função da forma do quarteirão alguns lotes são quadrados ou irregulares para melhor aproveitamento do espaço. Na zona suburbana, foi previsto um desenho com lotes maiores, dispostos em grandes quarteirões. É importante realçar que o córrego do Acaba-Mundo, afluente do ribeirão Arrudas, corta o grande quarteirão, objeto de análise.

7.2 O SEGUNDO PERÍODO MORFOLÓGICO: 1922 A 1929

No segundo período morfológico, a cartografia utilizada para análise da paisagem corresponde ao ano de 1922 e pode ser observada na figura 5. Este período é marcado pelo início da ocupação da zona suburbana, com subdivisão do grande quarteirão pela

implantação da rua Alfenas, atual avenida Nossa Senhora do Carmo. A rua Alfenas é interrompida em sua porção sul, ou seja, ainda não configura o caminho de ligação com outras localidades e o Rio de Janeiro.

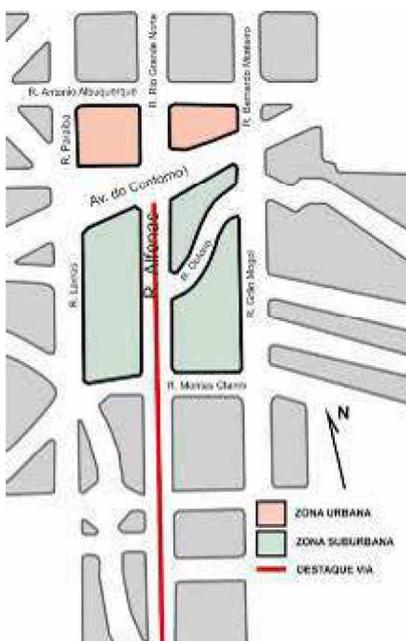
Ocorre também a implantação da rua Outono, que apresenta a mesma forma do córrego, evidenciando sua canalização. Os cursos de água foram retificados, lançados nos eixos das vias e tampados, fato que até hoje contribui para as inundações na época das chuvas.



Figuras 4 e 5 Croquis sem escala.
Interpretação e modificação: Gimmler Netto et al., 11° ENEPEA – 2012.
Fonte: Fundação João Pinheiro (1997).

7.3 O TERCEIRO PERÍODO MORFOLÓGICO: 1930 A 1939

O ano de 1930 corresponde à consolidação das paisagens urbana e suburbana, como se observa na figura 6. Apesar de ter a ocupação ampliada, os lotes ainda se apresentam pouco adensados, possuindo amplas áreas livres. Na periferia da área urbana, o parcelamento aparenta características típicas de chácaras, tradição de origem portuguesa e caráter semirural. A frequente ocupação dos espaços livres intraquadras na região é observada a partir deste período pela construção progressiva dos lotes – o que leva à diminuição de espaços livres, produzindo alterações no clima urbano. (PEREIRA COSTA et al., 2012). Outro destaque deste período está no fato de a rua Alfenas ter sido ampliada e já configurar um caminho de transposição na direção sul (ver figura 7).



Figuras 6 e 7 Ilustrações a partir de planta geral da cidade da década de 1930 e de mapa da década de 1930, respectivamente. Destaque para a ampliação da rua Alfenas (indicada em vermelho). No período, ocorre a mudança do nome da avenida 17 de dezembro para avenida do Contorno.

Interpretação e modificação: Gimmler Netto et al, 11° ENEPEA – 2012.

Fonte: Fundação João Pinheiro (1997).

7.4 O QUARTO PERÍODO MORFOLÓGICO: 1940 A 1969

No período entre as décadas de 1940 e 1960, o cenário configurado pela lei, ao não levar em consideração a variedade das fachadas, criou uma paisagem urbana pesada e sem qualidade (PLAMBEL, 1986).

Com a aprovação do Código de Obras de 1940 (Decreto-Lei nº 84, de 21 de dezembro de 1940), permitiu-se a ocupação do lote em 40%, com no máximo três pavimentos. O uso é predominantemente residencial, uni ou multifamiliar.

A partir de 1960, começam as substituições de edificações unifamiliares por moradias multifamiliares e com isto surgem os comércios de apoio a estas residências. A primeira grande transformação no tecido urbano do bairro foi a demolição das casas dos funcionários e a construção dos primeiros prédios residenciais multifamiliares.

A cartografia do ano de 1953 (figura 8) traz a informação da implantação de novas ruas e da consolidação da citada rota (caminho para o sul), através da estrada Belo Horizonte – Rio de Janeiro, a BR-3, ligando a capital mineira à carioca e às cidades do interior do Estado, como Nova Lima e Ouro Preto. Surge, assim, novo uso do espaço urbano, configurando tipologias arquitetônicas para prestação de serviço aos veículos que trafegam pela rodovia, como os galpões e grandes edificações especializadas, características que permanecerão até o século XXI.

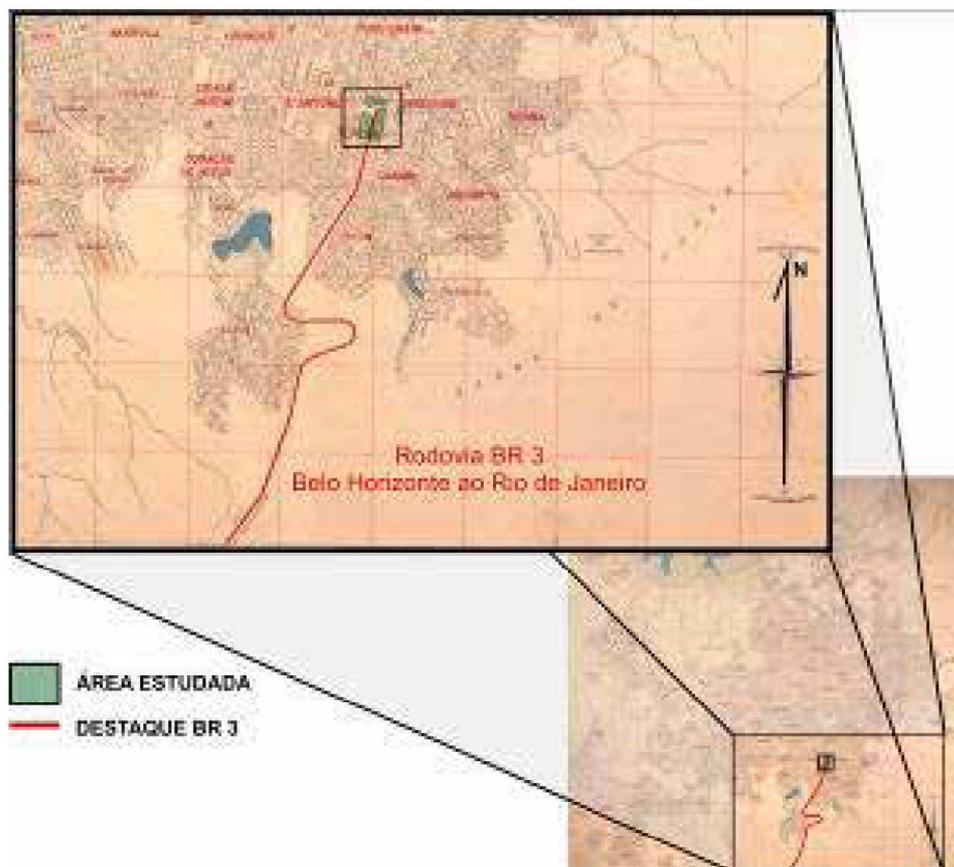


Figura 8 Ilustração a partir de planta geral da cidade na década de 1930, com destaque para a rodovia BR-3 interceptando a área de estudo.

Interpretação e modificação: Gimmler Netto et al., 11°ENEPEA – 2012.

Fonte: Fundação João Pinheiro (1997).



Figura 9 Recorte em foto aérea de 1956.
Interpretação e modificação: Gimmler Netto et al.,
11° ENEPEA – 2012.
Fonte: Fundação João Pinheiro (1997).

7.5 O QUINTO PERÍODO MORFOLÓGICO: 1970 A 1989

No final dos anos 1970, intensifica-se o processo de transformação do tecido urbano, com substituição de tipologias por edificações verticalizadas. Este fato chama atenção pela intensa transformação do tecido urbano que se inicia a partir desta década – caracterizada pela adaptação à mudança de uso residencial para comercial nas antigas edificações e substituição por edifícios de maior porte, por meio do remembramento dos lotes, verticalizando e adensando a paisagem urbana. A modificação do uso residencial para o comercial gera alterações nas edificações existentes, por exemplo, a ocupação dos porões das casas para comércio, como bares e butiques.

No período compreendido entre 1976 e 1985, ocorre a implantação de novos usos e nova ocupação, gerando, conseqüentemente, novas formas. No Mapa da Lei de Uso e Ocupação do Solo (LUOS) de Belo Horizonte, foi definido o zoneamento, e os quarteirões em estudo foram classificados como zonas comerciais. A região da Savassi firmou-se como centro comercial de Belo Horizonte na década de 1980. Tal fato modificou completamente o tecido urbano através do uso e da ocupação do solo, com aumento do coeficiente de aproveitamento.

Destacam-se, na paisagem urbana do período, o colégio Dom Silvério e o galpão transformado em galeria comercial, confirmando tendência para implantação de grandes edificações especializadas nos quarteirões superiores da antiga zona suburbana.

Tanto a LUOS de 1976 quanto a lei de 1985 provocam modificações nos usos das edificações, nas tipologias edilícias, em suas volumetrias e na crescente verticalização

da área em estudo. Este período representa o início efetivo das profundas mudanças que iriam ocorrer na área. Acontece a implantação de novos usos e ocupação, gerando, conseqüentemente, novas formas, como ilustra a figura 10.



Figura 10 Recorte da área em estudo no mapa da Lei de Uso e Ocupação do Solo de 1985. Interpretação e modificação, 11º ENEPEA – 2012. Fonte: Fundação João Pinheiro (1997).

7.6 O SEXTO PERÍODO MORFOLÓGICO: 1990 A 2014

O ano de 1996 consolida a centralidade e a verticalização, com a implantação de escritórios de serviços (figura 11). Segundo Costa (1999, p 89), “[...] a Savassi é agora o lugar dos escritórios [...]”, com ocupação total do lote, que conduz à destruição dos espaços livres no interior das quadras. O aumento no número de pavimentos formou zonas de sombreamento, fluxos de vento e ruídos desconfortáveis, gerando perda da qualidade ambiental urbana. O sistema viário é impactado pelo crescente movimento populacional gerado pela centralidade e diversificação de usos residencial, comercial e de serviços presentes na região. O cruzamento entre as avenidas do Contorno e Nossa Senhora do Carmo (antiga rua Alfenas e BR-3) é tão intenso que a solução em trincheira foi construída para organizar o trânsito no local.

As transformações foram produtos da lei de 1996, onde o zoneamento do bairro passa de ZA – Zona Adensada para ADE – Áreas de Diretrizes Especiais, criando o shopping Pátio Savassi. Sua implantação traduz problemas com relação à mobilidade urbana na região em análise, pois o tráfego intenso de veículos é priorizado em relação ao de pedestres. Neste sentido, o shopping passa a ser o lugar do “caminhar”, em oposição ao espaço público viário, que prioriza os automóveis.

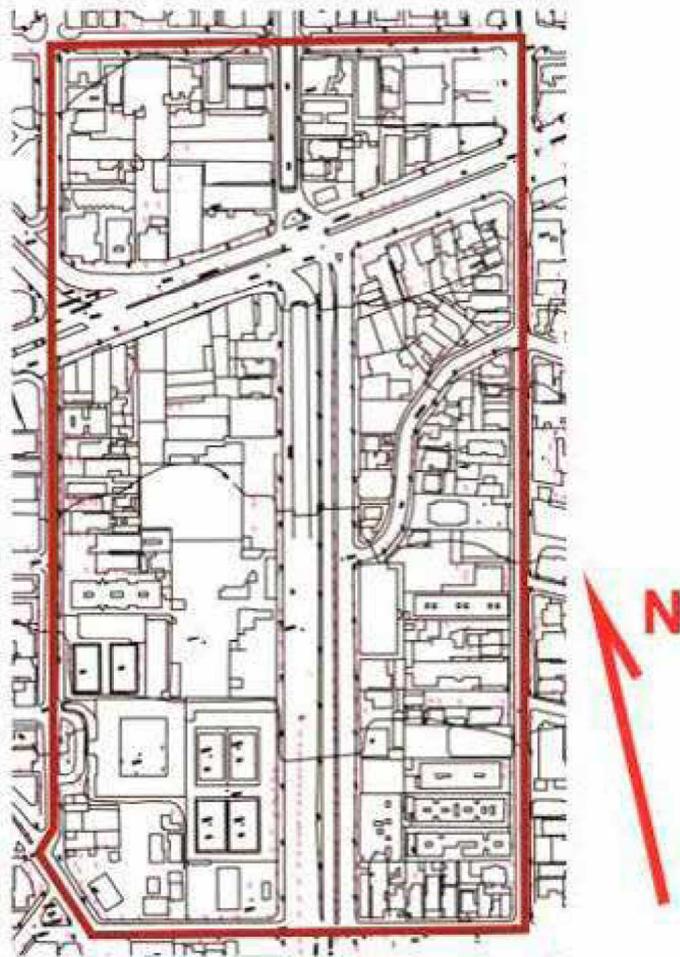


Figura 11 Imagem ilustrando recorte no mapa cadastral da Empresa de Informática e Informação do Município de Belo Horizonte S/A (Prodabel) de 1996. Modificação: 11º ENEPEA – 2012. Fonte: Prefeitura de Belo Horizonte.

O ano de 2010 caracteriza-se pela implantação de grandes equipamentos urbanos de lazer, como o Chevrolet Hall, que, juntamente com o Pátio Savassi, denotam o caráter de área de entretenimento da cidade. Devido à acessibilidade da região, aliada à sua topografia, este é um espaço urbano de lazer em Belo Horizonte, com bares, restaurantes, boutiques, casas noturnas e shoppings.

A paisagem urbana contemporânea de Belo Horizonte pode ser compreendida por meio das imagens que se seguem: o Mapa de Tipologias (figura 12), que apresenta as tipologias arquitetônicas de cada edificação, e os croquis (figura 13) da transformação da paisagem urbana.

A sucessão dos períodos morfológicos reflete a evolução da paisagem urbana, investigada com base em suas transformações e permanências. As transformações são geradas pelas necessidades funcionais e estéticas, conforme ilustra a figura 13.

O presente artigo traz a contribuição dos estudos clássicos sobre Morfologia Urbana como instrumental para a análise das paisagens urbanas contemporâneas. A metodologia desenvolvida pela Escola Inglesa de Morfologia Urbana permite compreender as tendências naturais de transformação e fornece subsídios teóricos para garantir a continuidade de aspectos importantes de paisagens urbanas.

MAPA DE TIPOLOGIAS

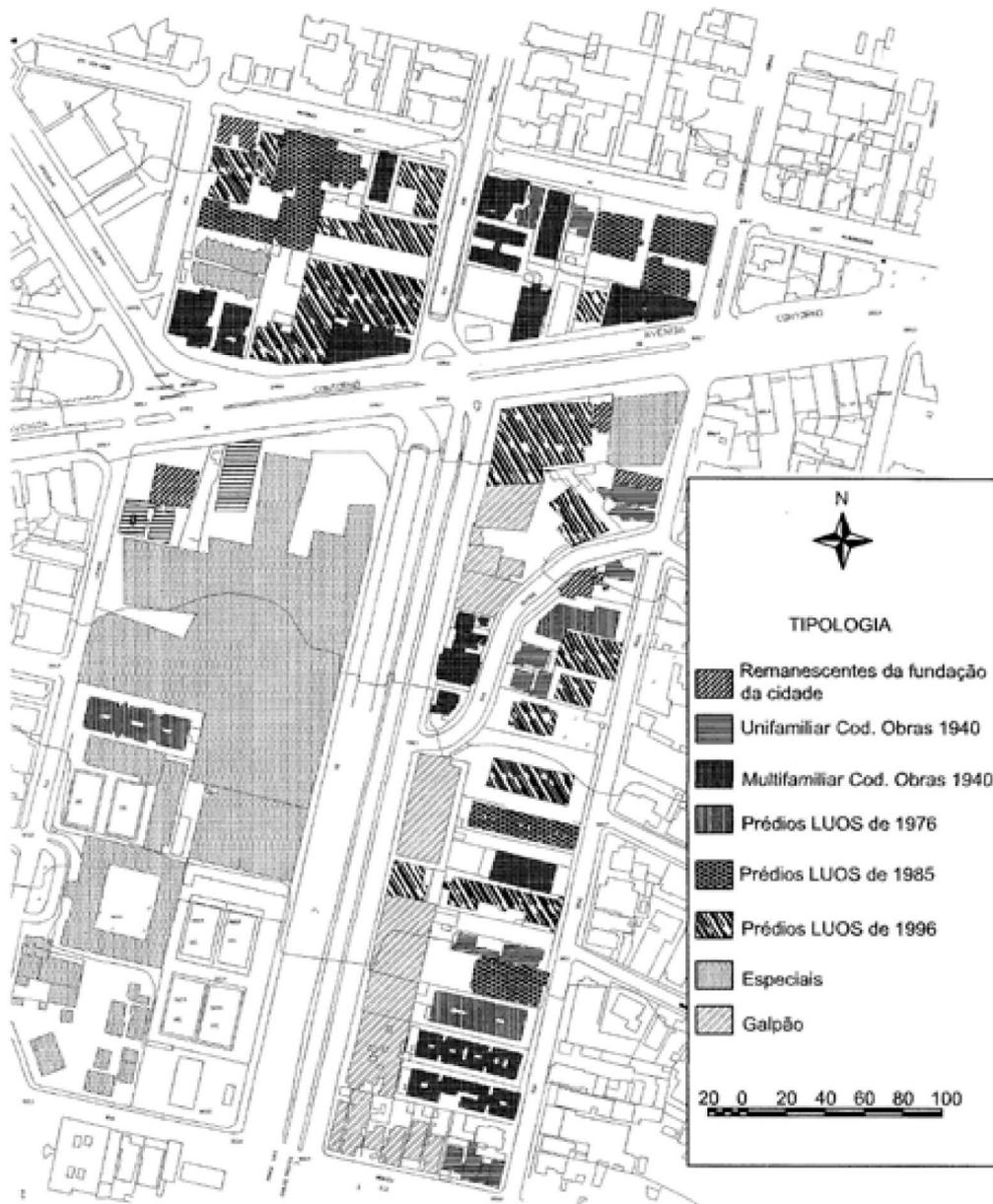
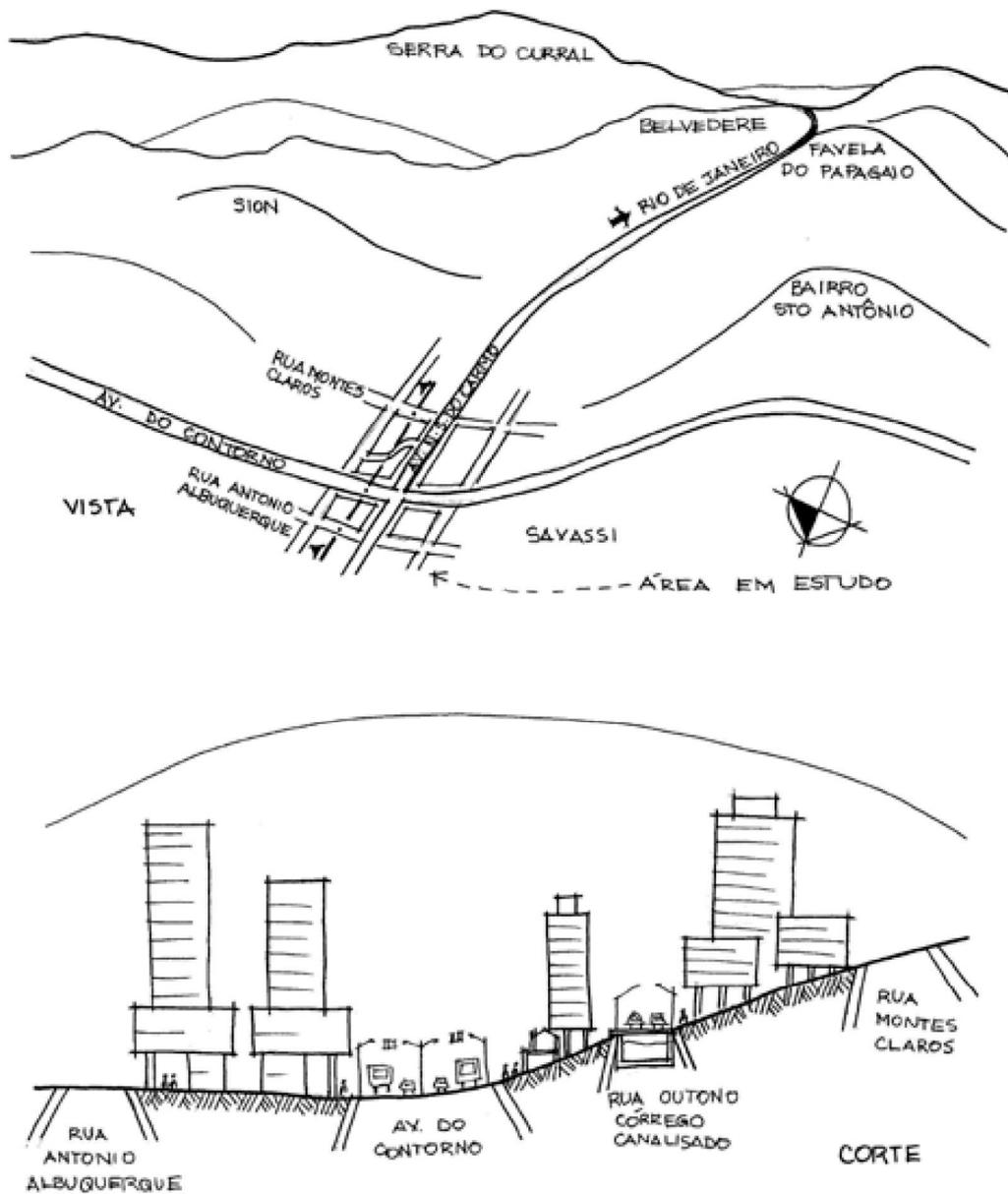


Figura 12 Mapa de Tipologias.
Modificação: ENEPEA 11° – 2012.
Fonte: Prefeitura de Belo Horizonte.



PAISAGEM URBANA EM TRANSFORMAÇÃO BELO HORIZONTE NO INÍCIO DO SÉCULO XXI.

Figura 13 Croqui sem escala.
Fonte: Gimmler Netto – 2013.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente artigo traz a contribuição dos estudos clássicos sobre Morfologia Urbana como instrumental para a análise das paisagens urbanas contemporâneas. A metodologia desenvolvida pela Escola Inglesa de Morfologia Urbana permite compreender as tendências naturais de transformação e fornece subsídios teóricos para garantir a continuidade de aspectos importantes de paisagens urbanas.

O processo de transformação, inerente a toda paisagem urbana, pode ser melhor compreendido através da metodologia da Escola Inglesa. Desta maneira, torna-se possível o gerenciamento das tendências naturais de expansão das cidades e de substituição das formas urbanas. Equilibrando transformações e permanências, a historicidade representa para a paisagem contemporânea a continuidade das estruturas formais de tempos passados, permitindo a identificação de aspectos históricos, sociais e culturais.

O estudo de caso apresentou a dinâmica das transformações ocorridas em uma área, na região da Savassi (Belo Horizonte), desde o período de formação da cidade até a época contemporânea. Como resultado, a Morfologia Urbana mostrou-se um instrumento eficiente de análise das transformações da paisagem urbana. Foram investigadas as estruturas formais abrangendo desde a configuração geográfica, o plano urbano com o sistema viário e o parcelamento do solo, o tecido urbano composto pelos quarteirões, lotes e tipologias arquitetônicas e o padrão de uso e ocupação do solo.

Evidencia-se neste estudo que a modificação no uso ocasiona alterações formais nas edificações, gerando uma heterogeneidade que desconfigura a mancha urbana, refletindo na perda de homogeneidade do tecido urbano, que deve ser composto por tipos edilícios semelhantes. Desta forma, alerta-se para a possível perda da identidade cultural traduzida num tecido urbano enfraquecido pela heterogeneidade, pois quando relacionamos todos os elementos que constituem a paisagem urbana, percebemos que o seu conjunto é responsável pela feição peculiar de cada área da cidade.

Por outro lado, observa-se a continuidade, ao longo dos períodos morfológicos, do plano urbano projetado por Araújo Reis, confirmando ser esta a estrutura formal da paisagem urbana que permaneceu sem significativas transformações formais. Assim, a manutenção do plano urbano contribui para o aumento da historicidade, que é mais intensa nos centros das cidades, pois são estes as áreas mais antigas.

Os períodos morfológicos foram organizados conforme a cartografia analisada, mas representam todas as transformações formais da paisagem urbana, em que se verificaram os fenômenos de acumulação, de adaptação e de substituição das formas. O processo de substituição, pelo qual ocorre a demolição de edificação existente para construção de nova tipologia – muitas vezes pelo desmembramento ou remembramento de lotes – foi o que mais ocorreu na região, que apresentou significativas transformações em pouco mais de cem anos. Os processos de acumulação e adaptação de formas estão relacionados à permanência de edificações de períodos morfológicos anteriores, caracterizando preservação das formas – e esta não foi a tendência observada na área em estudo.

Conclui-se que a paisagem urbana contemporânea em estudo é heterogênea, densa e verticalizada, produzindo perda da qualidade de vida, pois os espaços livres intraquadras foram ocupados e impermeabilizados. A dinâmica destas transformações ocasionou a ausência de preservação do patrimônio edificado, com destruição das características peculiares que são formadoras de identidade cultural.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BARRETO, Abílio. **Belo Horizonte, memória histórica e descritiva**: história antiga e história média, 2 ed., Belo Horizonte: Fundação João Pinheiro, Centro de Estudos Históricos e Culturais, 1996. 298 p.
- BELO HORIZONTE. Decreto-Lei nº 84, de 21 de dezembro de 1940. Aprova o regulamento de construções da Prefeitura de Belo Horizonte. **Inspetoria do Expediente e Comunicações**, 21 dez. 1940.
- CONZEN, M. P. **Thinking about urban form**: papers on Urban Morphology, 1932–1998. Oxford: Peter Lang, 2004.
- DEL RIO, Vicente. **Introdução ao desenho urbano no processo de planejamento**. São Paulo: Pini, 1990, p. 70-85.
- FUNDAÇÃO JOÃO PINHEIRO. **Panorama de Belo Horizonte**: atlas histórico. Belo Horizonte: FAPEMIG, Coleção Centenário, 1997, p. 14-40.
- GIMMLER NETTO, Maria Manoela et al. **Os espaços livres intraquadra na paisagem urbana de Belo Horizonte**. COLÓQUIO QUAPÁ-SEL, 7, Campo Grande, 2012.
- _____. et al. **Transformações morfológicas da paisagem urbana na região da Savassi - em Belo Horizonte**. ENCONTRO NACIONAL DE ENSINO DE PAISAGISMO EM ESCOLAS DE ARQUITETURA E URBANISMO NO BRASIL – ENEPEA, 11, 2012, Campo Grande.
- _____. et al. **A contribuição da Escola Inglesa de morfologia urbana**. CONGRESSO INTERNACIONAL INTERDISCIPLINAR EM SOCIAIS E HUMANIDADES – CONINTER IIº, 2013 Belo Horizonte. No prelo.
- PEREIRA COSTA, Staël de Alvarenga. Transformações e permanências no tempo da Savassi. **Topos** (NPGAU/UFMG), Belo Horizonte, n. 1, 1999, p. 80-92.
- _____. et al. Laboratório da Paisagem. **Encontro de Mentes**: investigações sobre os conceitos comuns e abordagens diferenciadas das principais Escolas de Morfologia Urbana. Plano de Trabalho da pesquisa financiada pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais (FAPEMIG). Universidade Federal de Minas Gerais, Escola de Arquitetura, Belo Horizonte, 2011.
- _____. **The role of morphological green spaces in the urban context of Brazilian cities**. INTERNATIONAL SEMINAR ON URBAN FORM XIX (ISUF XIX), Delft, Netherlands, 2012.
- PLANEJAMENTO DA REGIÃO METROPOLITANA DE BELO HORIZONTE – PLAMBEL. Superintendência de Desenvolvimento da Região Metropolitana de Belo Horizonte, 1986. **A Estrutura Urbana da Região Metropolitana de Belo Horizonte**. Belo Horizonte: Secretaria do Estado do Planejamento e Coordenação Geral, v.1, 1986.
- ROSSI, Aldo. **A arquitetura da cidade**. São Paulo: Martins Fontes, 2001. 309 p.

AGRADECIMENTOS

Sinceros agradecimentos à Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais (FAPEMIG) pelo financiamento da pesquisa **Encontro de Mentes** e ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) pelo amparo à pesquisa **Sincronicidade nas escolas de morfologia urbana e os seus paradigmas sociais**. Ao Mestrado em Ambiente Construído e Patrimônio Sustentável (MACPS), à Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) e à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) por fomentarem as pesquisas.

Artigo recebido em 8 ago. 2013.

